

## Uma rede de privilégios: as juventudes dos irmãos Bertaso a partir das redes de sociabilidades da família (1923-1930)

**Isabel Schapuis Wendling**

Doutoranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), bolsista FAPESC.  
isabel.wendling@live.com

### 1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os usos dos conceitos “redes sociais” e “redes de sociabilidades” para análise da consolidação da família Bertaso enquanto elite de Chapecó por meio das relações estabelecidas entre diferentes sujeitos em diferentes espaços.

Partimos essa reflexão amparados nas definições do historiador Flavio M Heinz que propõe elites enquanto

[...] os grupos de indivíduos que ocupam posições-chave em uma sociedade e que dispõem de poderes, de influência e de privilégios inacessíveis ao conjunto de seus membros, ao mesmo tempo que evitam a rigidez inerente às análises fundadas sobre as relações sociais de produção (Heinz, 2006, p. 9).

A família Bertaso pode ser considerada uma elite do Oeste Catarinense a partir dos anos de 1918 quando o Coronel Ernesto Bertaso funda em associação com Manoel Passos Maia e Agilberto Atilio Maia a empresa colonizadora *Bertaso, Maia e Cia*, que atuou na região de Chapecó-SC. A empresa colonizadora ficava responsável pela demarcação e “limpeza” humana e vegetal das terras devolutas do Estado, para então vender a novos colonos, migrantes descendentes de italianos e alemães, que iriam a partir daí, construir as novas cidades e estabelecer a ocupação da região.

Nesse momento, a família Bertaso começa a ascender socialmente, com maior poder financeiro e poder social, influenciando nas decisões políticas locais. Segundo alguns historiadores, é possível reconhecer uma atuação coronelista por parte dessa família, especialmente na figura de Ernesto Bertaso e seu filho Serafim Enoss Bertaso. Como refletiram José Carlos Radin e Gentil Corazza, o coronelismo que se estabelece no Oeste Catarinense possui características próprias: “O que se estabelece agora, com o novo coronelismo, é uma relação de compromisso, por um lado, entre o poder político estadual e os coronéis, donos das companhias colonizadoras e, por outro, entre estes e os colonos migrantes, com quem tinham uma relação de clientelismo e paternalismo.” (Radin; Corazza, 2018, p. 68).

Consideramos que não é somente devido a empresa que essa família alcança tamanhos poderes na região. Em parte, seus poderes se devem ao alcance das redes sociais, a rede de contatos que foi formada inicialmente pelo casal Zenaide e Ernesto, e depois expandida com a figura dos filhos Elza, Serafim e Jayme.

Não é de hoje que pesquisas acadêmicas tem se apropriado do conceito de redes de sociabilidades para analisar aspectos sociais de formação de espaços e de identificações. Norbert Elias, por exemplo, pensou as redes sociais como redes formadas por indivíduos interdependentes, cada um com funções e importâncias, que tencionam e se alteram constantemente. Essas redes sociais formam as teias e o que entendemos da sociedade, ou seja, indivíduo e sociedade não podem ser entendidos separadamente. (Elias, 1994)

O historiador Jean-François Sirineli, utiliza o conceito de redes de sociabilidades para refletir sobre os intelectuais e suas relações, além dos sujeitos e conexões, mas também de relações e espaços que permitem ou que fazem existir essas ligações entre os indivíduos. Segundo ele, “a sociabilidade também pode ser entendida de outra maneira, na qual também se interpenetram o afetivo e o ideológico”, defendendo que as redes são constituídas por essas sociabilidades, ou microclimas, os microcosmos do grupo. Por fim, o autor ainda defende a importância de relacionar redes de sociabilidades ao conceito de geração, pois permitiria perceber os movimentos, mudanças e tensionamentos que ocorrem entre essas redes ao longo dos anos.

Dentre as pesquisas que inspiraram aprofundar as redes de sociabilidades da família Bertaso podemos destacar dissertação de mestrado em História de Gustavo Henrique de Siqueira “Os donos do “celeiro do progresso”: redes sociais e política (Chapecó, 1956-1977)” defendida em 2018; A pesquisa de Maíra Vendrame que analisa a formação das redes sociais por imigrantes nas colônias do Rio Grande do Sul (2013); e a pesquisa de Nécio Turra Neto (2008) intitulada “Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade”, na área da geografia que apontam a influência das redes de sociabilidades na formação e mudanças na ocupação de espaços públicos

## **2. As redes de sociabilidades da Família Bertaso**

Se a família Bertaso pode ser considerada uma elite do Oeste catarinense a partir do início do século XX é devido aos seus poderes sociais, esses advindos tanto por fatores financeiros, mas também de identidades culturais.

Ernesto Bertaso chegou no Brasil em 1889 com 8 anos de idade junto de seus pais e irmãos;

enquanto sua esposa Zenaide Ballista já nascera no Brasil, mas era descendente direta de imigrantes italianos, devido as origens italiana, esses sujeitos tiveram na chegada do país a primeira formação de uma rede social baseada no apoio entre imigrantes, prática comum devido ao processo de ocupação das terras do Rio Grande do Sul, essas redes de apoio criaram comunidades, fortaleceram o comércio e permitiram a manutenção de aspectos culturais do país de origem.

Ernesto Bertaso que morava em Canoas-RS trabalhou como caixeiro-viajante, em suas viagens fizera diversas amizades e contratos comerciais. Fora justamente nessas viagens que conheceu sua esposa Zenaide, ela filha de comerciantes em Bento Gonçalves-RS, havia sido alfabetizada pela mãe em escola étnica local, conhecia a língua italiana quanto o português. Detalhe importante de entender o aspecto da língua, que apesar de se usar o português para as práticas comerciais, entre moradores das comunidades e novas cidades do Rio Grande do Sul era muito comum a comunicação em italiano.

Anos depois do casamento, Ernesto se alistou à Guarda Nacional e comprou o título de Coronel. Nesse processo, conheceu os irmãos: Atílio e Manoel Passos Maia. Manoel Passos Maia era também comerciante e tinha grande engajamento político, com seu apoio, Ernesto conseguiu negociar com o estado de Santa Catarina as terras devolutas e fundar a empresa colonizadora citada anteriormente. Ernesto ficava responsável pelas vendas das terras e os irmãos Maia pela atividade burocrática e responsabilidades políticas locais. No ano de 1923 a empresa é dissolvida e fica toda para Ernesto, que altera o nome para Colonizadora Ernesto F. Bertaso.

Segundo Eunice Nodari a empresa colonizadora se mantinha devido aos contatos dos donos, com agentes que faziam a ponte de vendas em diversas cidades do país e do mundo: “a empresa colonizadora Ernesto F. Bertaso, responsável por grande parte da colonização do município de Chapecó, mantinha uma equipe de agentes, muitos deles de origem italiana” (2009, p. 39).

Contudo, nesse início, boa parte dos contatos formados por essa família estava marcado pela região do Rio Grande do Sul ou de outros imigrantes e descendentes. Foi na figura dos filhos Elza, Serafim e Jayme que tiveram uma infância regada de privilégios da elite, estudaram em colégios privados em internato, nos grandes centros urbanos do país: Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e Florianópolis, tendo acesso a espaços sociais como cinema, eventos sociais, grupos de jovens, de esportes, música etc. Muito diferente de outros jovens de classes mais baixas, que pouco puderam estudar ou mesmo de sair da cidade no qual nasceram.

Em análises realizadas em relatórios escolares produzidos por exemplo, pelo Colégio Catarinense, no qual Serafim e Jayme estudaram nos anos de 1926 a 1930, percebemos que os

irmãos tiveram acesso a uma ampla educação, desde conhecimentos gerais, como também acesso a arte: aprenderam a tocar diversos instrumentos de percussão; participaram de grupos de teatro. Religiosos: participando de grupos Maristas; e de esportes, participando de campeonatos escolares e interescolares, de futebol, regatas; e por fim de eventos sociais com participação de representantes políticos como governador do estado e membros da elite regional<sup>1</sup>.

#### 4. Reflexões Finas

Considerando os relatórios escolares ao lado das correspondências da família Bertaso, além de fontes particulares como registros de casamento ou relatórios comerciais, pudemos perceber que alguns nomes se repetem no espaço escolar e na vida pós-escola. Análises prévias indicam que as amizades construídas nos espaços escolares possibilitaram uma crescente na rede social da família Bertaso, resultando em casamentos com outras famílias de elite (como o caso do casamento de Elza com Paulo Pasquali e de Serafim com Elsa Rosa Feuerschuetze), ou em acordos comerciais e políticos.

Dessa forma, entendemos que o conceito de redes de sociabilidades permitirá não somente compreender quais espaços de sociabilidades ocupados pelas elites e como eles permitiram construir uma identidade que os diferenciava de sujeitos de classes mais baixas, mas também como fomentaram e fortaleceram redes sociais, ou redes de sociabilidades, que não somente fortaleceram os acordos comerciais, mas principalmente, fortaleceram os poderes sociais e políticos de uma família de elite local.

#### Referências

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

HEINZ, Flávio M. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 224 p.

NODARI, Eunice. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009. 222 p.

PESSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **A história dos Jovens 2**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.319-382.

RADIN, J.C., and CORAZZA, G. Formação política. In: **Dicionário histórico-social do Oeste catarinense** [online]. Chapecó: Editora UFS, 2018, pp. 65-69. ISBN: 978-85-64905-65-8.

<sup>1</sup> **Relatórios escolares**. 1926-1931. Acervo particular da Biblioteca do Colégio Catarinense.

<https://doi.org/10.7476/9788564905658.0015>.

RENK, Arlene. **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004. 160 p.

RENK, Arlene. **A luta da erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2. ed. Chapecó: Argos, 2006. 250 p.

SIQUEIRA, Gustavo Henrique de. **Os donos do “celeiro do progresso”**: redes sociais e política (Chapecó, 1956-1977). Florianópolis, 2016. 288 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Disponível em: [http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/2229/dissertacao\\_gustavo\\_siqueira\\_\\_\\_completa.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2229/dissertacao_gustavo_siqueira___completa.pdf). Acesso em: 15 jun. 2021.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008. 533 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/7689fbdf-75ff-48de-8c08-eff1331c6088/content>. Acesso em: 13 dez. 2024.

VENDRAME, Máira Ines. **Ares de vingança**: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910). Porto Alegre, 2013. 478 f. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Agradecimento a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) pela bolsa de doutorado.